

# MEMÓRIA E PERCEÇÃO FOTOGRÁFICA: FOTÓGRAFOS DA CIDADE DE SÃO PAULO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

Palavras chave: Fotografia; Memória; São Paulo

Pesquisa financiada pelo CNPq

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Luisa Pessoa de Oliveira ( luisavpessoa@gmail.com - autora); Heloísa Pontes (orientadora)

O objetivo final do projeto de pesquisa foi o de realizar uma análise aprofundada de trajetória do fotógrafo Hans Günter Flieg, assim como das fotografias de sua autoria nas décadas de 1950 e 1960, passando tangencialmente por suas percepções acerca da fotografia, e focando a relação dinâmica que obras e autor puderam ter com a cidade de São Paulo. Desta maneira, a ênfase da pesquisa recaiu em uma análise dos processos de produção fotográfica como influenciados pelas rápidas transformações pelas quais passava a cidade, ao mesmo tempo em que responsáveis, influenciadores, pela imagem construída das mudanças que ocorriam na capital paulista.

Baseada na pesquisa bibliográfica que realizei e das entrevistas feitas com o fotógrafo, pude analisar algumas imagens de Flieg das décadas de 1950 e 1960 a partir do triplo aspecto: trajetória pessoal, cidade de São Paulo, técnica fotográfica.

A pesquisa de campo teve importância fundamental para o desenvolvimento e subseqüentes resultados da iniciação científica. Foi a partir dela que se tornou muito clara a importância de pensar as especificidades técnicas e formais das fotografias de Flieg. O que concluí foi que tais características não devem ser vistas como menores para a análise antropológica e nem de interesse apenas para o campo da fotografia. Os aspectos formais dialogam com a percepção de determinada época para com determinado fato, objeto, como bem mostrou Baxandall ao atentar para a série de significados simbólicos que estavam por trás da escolha de cores e gestos nas obras *quattrocentistas*. (BAXANDALL, 1991). No caso das fotografias de Flieg, chamei atenção para a escolha das câmeras utilizadas para as fotos, os subseqüentes negativos, a performance do fotógrafo, o enquadramento e as cores.

Em outras palavras, busquei pensar a fotografia não só como fruto, mas condensador imagético de relações sociais. Ou seja, tomá-la como prenda de significados, que podem ser atingidos a partir de múltiplos vieses: do contexto social de sua produção, da trajetória pessoal de quem a clicou, dos seus aspectos descritivos, e daqueles formais, ditos técnicos.

Como nos recorda Maria Armanda do Nascimento, na década de 1950 a cidade de São Paulo passou por um grande processo de urbanização. Isso criou novos espaços de socialização, ou seja, novas experiências sociais que não só fragmentaram as linguagens como instituíram novos meios de comunicação de trocas simbólicas. A cidade passou a ter um layout renovado, pontilhado por chaminés (ARRUDA, p.52, 2001) e demandou um novo modo de ser vista. Assim como o Parque Ibirapuera marcou um comprometimento da cidade com o modernismo arquitetônico, ou seja, uma organização que deu primazia e lugar central às construções, às concepções de espaço e distribuição lideradas pelas construções (idem, p. 89); podemos dizer que as fotografias de Flieg mostram um comprometimento da cidade com uma faceta moderna, limpa, científica e progressiva - tanto pelas técnicas quanto pelas temáticas de suas fotos.

Concluo constatando que a fotografia é um objeto fértil e desafiador para a análise antropológica. Como afirma Alfred Gell, os produtos culturais devem ser vistos tendo em mente a rede de relações em que estão inseridos (produção, circulação e recepção). Inspirada também por Carl Schorske, tentei perpassar as relações observáveis entre o ambiente particular em que as fotos foram feitas, a trajetória do fotógrafo Hans Günter Flieg, e as escolhas feitas a partir do leque de opções dadas pelas técnicas fotográficas disponíveis. A partir disso, pode-se complexificar as imagens e pensá-las como produtos materiais e simbólicos de relações sociais. Se Alfred Gell, em determinado momento, afirma que a especificidade disciplinar da Antropologia reside em trazer ao nosso entendimento comportamentos que nos parecem estranhos, a partir da contextualização dos mesmos (GELL, 1998); busquei na Iniciação Científica fazer o caminho inverso: a partir da contextualização, mostrar como produtos culturais podem não ser tão simples, como em um primeiro momento, podem parecer que são.

## BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. **Metrópole e Cultura em São Paulo no Século XX**. Bauru: Edusp, 2001.  
BAXANDALL, M. **O olhar renascente**: pintura e experiência social na Itália da Renascença. R.J., Paz e Terra, 1991  
BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.  
SCHORSKE, C. **Viena Fin-de-Siècle**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993

## RESUMO

Carl Schorske defendeu em *Viena fin-de-siècle* a idéia de que os produtos culturais podem e devem ser analisados cruzando-se duas linhas: sincrônica (relativa à simultaneidade com outras expressões culturais) e diacrônica (atenta a historicidade particular desses produtos). Neste trabalho demos ênfase a uma terceira linha que dialoga com as duas anteriores: a trajetória dos indivíduos enquanto autores de produtos culturais. Tratamos, assim, da trajetória do fotógrafo Hans Günter Flieg, com foco no período que compreende a s décadas de 1950-1960, na cidade de São Paulo. As imagens produzidas pelo fotógrafo são eloqüentes na demonstração da relação de interdependência entre a cidade, em intenso processo de metropolização, e a produção cultural. Desta maneira, assim como as fotografias de Hans Günter Flieg foram influenciadas pelas rápidas transformações sociais e simbólicas pelas quais passava a cidade de São Paulo, as imagens produzidas por ele foram também importantes na construção da imagem de progresso paulistano. Elas constituem um repertório visual fascinante no qual se materializam experiências sociais, itinerários profissionais e dimensões simbólicas da cultura da época.

